

LEITURA DE MÍDIA IMPRESSA E ELETRÔNICA: O HÁBITO DE LEITURA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DAS FACULDADES INTEGRADAS DE BAURU, SÃO PAULO

Carina NASCIMENTO¹
Tamara de S. Brandão GUARALDO²
Oswaldo Francisco de ALMEIDA JUNIOR³

RESUMO

Estudo descritivo que analisa o hábito de leitura de jovens universitários de uma faculdade particular de Bauru. O público pesquisado não ignora as mídias tradicionais, porém, tem como suporte de leitura preferido a internet. São “novos leitores” que fazem do celular uma mídia com inúmeras possibilidades. Em vista dos resultados obtidos, o hábito de leitura dessa amostra de jovens pode ser descrito como eclético.

Palavras-chave: Leitura. Jovens. Hábito de leitura.

ABSTRACT

Descriptive study that analyzes the reading habits of university students of a private college in Bauru. The sample surveyed does not ignore the traditional media, however, these young readers prefers reading the internet. They are "new players" that make the mobile media with endless possibilities. Reading habits of this sample of young readers can be described as eclectic.

Keywords: Reading. Young readers. Reading habits.

INTRODUÇÃO

O campo da leitura tem despertado enorme interesse nas últimas décadas na área de Educação, Letras, nas Ciências Cognitivas, e também por planejadores de políticas públicas, por autores de materiais didáticos, na área de Comunicação, Ciência da Informação e Produção Editorial, entre outras.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, publicitária e docente dos cursos de Publicidade, Administração, Design de Moda e Turismo da FIB, email: profa_carina@yahoo.com.br

² Doutoranda em Ciência da Informação pela Unesp-Marília, jornalista, bolsista Capes, email: tamaraguaraldo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp/Marília. Docente da UEL, Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: ofaj@ofaj.com.br

Almeida Junior (2007) defende que a leitura deve ter seu espaço de análise, pesquisa e preocupação dentro da Ciência da Informação, pois é prática ampla o suficiente para abarcar os mais diversos tipos de mídia¹.

Apesar de grande parte das pesquisas sobre leitura estar vinculada à mídia impressa, há um aumento de pesquisa relacionada às novas tecnologias de informação e comunicação.

McLuhan (1972) discute as mudanças introduzidas na sociedade e cultura pela invenção da prensa, e nos oferece também uma história da leitura e dos modos de ler em diferentes épocas, demonstrando como a mudança de suportes causa também uma mudança nas práticas de leitura. A leitura eletrônica traz uma nova forma de ler, não estruturada, num meio relativamente novo. Como declara Canclini (2008, p.54), “ser internauta aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de serem leitores e espectadores”.

A partir desse interesse crescente pela leitura diante das novas tecnologias de informação e comunicação, realizamos uma pesquisa descritiva no primeiro semestre de 2010, com o objetivo de investigar o hábito de leitura de jovens universitários em uma Instituição de Ensino Superior Privado (IESP) da cidade de Bauru/SP. Justificamos a pesquisa como pertinente justamente por voltar o seu olhar aos jovens: aqueles que irão determinar o futuro dos hábitos de leitura.

Leitura: mídia impressa e eletrônica

Fischer (2006, p. 270) aponta que é a leitura que acompanha as novas tecnologias: o cinema tem legendas, no computador a atividade é toda baseada na leitura, pois, “requer um envolvimento ativo, direto e integral com a palavra escrita”.

As redes de informação multimodais receberam o nome de hipertexto, denominação dada por Ted Nelson em 1965, e envolve texto, gráfico, som, vídeo, num mesmo ambiente. Parte desse conceito já vinha sendo trabalhado desde a década de 1940, por Vannevar Bush, pesquisador do governo norte-americano na época da Segunda Guerra, que idealizou uma máquina capaz de ajudar os pesquisadores a organizar e recuperar informação, chamada *memex*, unindo textos e partes de textos² (BUSH, 1945).

Oliveira (2008) aponta as características contrastantes do hipertexto e do texto impresso, citando as mais importantes:

- Enquanto no texto tradicional o autor é distinto do leitor, o autor fala e o leitor lê, no hipertexto essa distinção é nebulosa, ocorrendo múltipla autoria, o texto é ferramenta interativa;
- O texto tradicional é propriedade do autor, o hipertexto é tanto propriedade do autor quanto do co-autor (leitor);
- O texto impresso é fixo, imutável, unificado e coerente, tem começo, meio e fim, margens, lado de dentro e fora, com estrutura hierárquica. O hipertexto é instável e mutável, não linear e não unificado, são vários textos embutidos uns dentro dos outros, com corpo não sequencial, descontínuo.
- Na leitura eletrônica, dois domínios devem ser considerados: o domínio da tarefa e o domínio da interface, ou seja, o do conteúdo e o do uso do computador.

Shneiderman (1998 apud OLIVEIRA, 2008, p. 176), ao estudar usuários de computadores em tarefas de leitura, dividiu-os em três categorias: novatos ou iniciantes (com poucos conhecimentos referentes a tarefa ou interface); intermediários (conceitos estáveis sobre a tarefa e amplo conhecimento da interface, porém, apresentam dificuldade para localizar elementos e entender a estrutura dos menus); e especialistas (familiarizados com as tarefas e a interface, rápidos na execução das tarefas, capacidade de executar ações usando poucos atalhos).

Oliveira (2008), em pesquisa realizada com usuários de plataformas hipertextuais a respeito da motivação para leitura, destacou que a leitura na tela do computador exige tempo e esforço mental dos envolvidos, pois para muitos, essa não é uma atividade cotidiana e permanente. Já aspectos como a rapidez foi apontada como positiva pelos usuários, e a motivação ao usar o hipertexto para leitura, com possibilidades de movimentos rápidos de avanço e retrocesso, recuperação de informações e trilhas, bem como saltos que o formato proporciona.

Santaella (2007), em pesquisa realizada com internautas, constatou que o universo de usuários comporta três tipos: o novato, o leigo e o *experto*. A estratégia de investigação foi a de propor problemas aos usuários, através de entrevista participante, o que possibilitou à pesquisadora descrever e analisar as respostas. Assim, pôde ser observado o percurso que cada tipo de usuário faz na rede, a familiaridade ou não com as teclas, a navegação propriamente dita, os caminhos que faz. Os usuários *expertos* são os que entram na rede pelo menos uma vez ao dia, os leigos de duas a três vezes na semana e os novatos têm contato esporádico com a rede. A frequência, para Santaella

(2007, p. 65), é um fator de “aquisição de competência para navegar”. Os novatos têm certa desorientação diante da tela, impaciência, desconcentração, incidência de erros, confusão, incapacidade de encontrar o caminho de volta, o que pode levar a desistência. Os leigos são aqueles que “aprendem a se virar”, conhecem algumas rotas, encontram outras, sabem eliminar alternativas falsas, escolhem as corretas. Sabem retornar quando se equivocam, avançam por tentativa e erro. O experto é o usuário que conhece os aplicativos, ferramentas e comandos com desenvoltura, navega com facilidade e rapidez, consegue criar um mapa mental da rede. Com base nessa pesquisa, Santaella traçou um perfil do internauta, denominado por ela de “leitor imersivo”, pois o processo de ler na tela é uma imersão na rede, uma navegação através de dados informacionais híbridos que são peculiares à hipermídia.

Na Era da Informação, as imagens, textos e sons, enfim, toda e qualquer informação, podem ser reduzidas aos dígitos, bites 0 e 1, que tornam possível à informação ser recebida, armazenada, tratada, recuperada e disseminada via computador. Essas informações, que viajam por redes conectadas de transmissão e acesso, estão disponíveis a um simples toque: assim nasce o leitor imersivo, aquele que é mais livre para buscar direções em sua leitura. A tela, o suporte de leitura, não pode mais ser manuseada diretamente como o livro e o jornal, e o que se apresenta ao leitor é um fluxo, que traz um modo novo de ler, ou navegar na tela. Uma mídia que não foi feita para ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas. O percurso do leitor imersivo ocorre numa estrutura flexível e não linear da hipermídia que permite buscas divergentes, caminhos múltiplos. “Quanto mais rico e coerente for o desenho da estrutura, mais opções ficam abertas a cada leitor na criação de um percurso que reflete sua própria rede cognitiva” (SANTAELLA, 2007, p. 50).

Entretanto, essas pesquisas enfatizam também que, apesar da crescente familiaridade com o universo virtual das redes, há aqueles que ainda têm bastante dificuldade para realizar uma navegação satisfatória, experimentando, como resultado de sua “imersão”, uma tendência a abandonar a navegação, que exige esforço mental daqueles ainda não habituados. O aprendizado digital envolve a força do hábito:

Esse é justamente o processo que ocorre quando o internauta internaliza um procedimento de navegação, passando, então, a repeti-lo cada vez mais sob a ação de um hábito [...] O hábito é aquela especialização da lei da mente pela qual uma idéia geral ganha o poder de excitar reações (SANTAELLA, 2007, p. 108).

Para Chartier (2002), o leitor contemporâneo é obrigado a abandonar hábitos e heranças anteriores porque a imprensa não é mais utilizada, o livro é ignorado e está alheio à materialidade do suporte. A revolução digital traz, segundo o autor, o desassossego dos leitores, que precisam transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender as mudanças na produção do escrito, das entidades textuais e das estruturas do suporte da cultura escrita.

O impacto de uma nova tecnologia, para McLuhan (1972), está nas formas de percepção: um novo modo de ver, sentir, perceber. A contribuição da mídia impressa para os sistemas de pensamento estaria relacionada à uniformidade, repetibilidade, homogeneidade, causalidade, enquanto os estilos não letrados, não alfabetizados ou eletrônicos tenderiam ao implícito, simultâneo e descontínuo (MCLUHAN, 1972).

Sobre as práticas de leitura, Canclini (2008) destaca que a nossa maneira de ler também foi modificada: os leitores fortes (extensivos ou intensivos) diminuíram, e aumentaram os leitores fracos ou precários: que sentem perder tempo com a leitura de livros de adultos, uma leitura cultural, como a literatura, textos de ciências humanas e sociais.

Fischer (2006, p. 291) vê nessa mudança algo de positivo, que é o fato de a leitura, desde que deixou de ser intensiva, ter se tornado eclética por natureza, com variedades de livros, jornais e revistas, websites disponíveis: “com exceção das exigências dos educadores, o leitor nem sempre consegue priorizar um gênero”. E que isso é bom, segundo o autor, pois “restringir a leitura é restringir a própria vida” (FISCHER, 2006, p. 291).

Essa ampliação da leitura, que comporta diferentes suportes e práticas, criou os leitores de telefone celular (SMS), adolescentes e jovens que ditarão o futuro da leitura. A base para nossa análise vem de pesquisas realizadas por entidades privadas e órgãos públicos a respeito da leitura e leitores. A mais abrangente delas é a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil³, feita com 5.012 pessoas em 311 municípios, em 2007. Essa pesquisa foi coordenada pelo Observatório do Livro e da Leitura, realizada pelo Instituto Pró-livro, Organização Social Civil de Interesse Público - OSCIP - mantida por contribuições de entidades do mercado editorial (SNEL, CBL e Abrelivros) e executada pelo Ibope Inteligência. A amostra definida representa todo o universo da população brasileira com cinco anos de idade ou mais. Em relação aos jovens, considerando a população de 15 a 17 anos, a pesquisa apontou que houve uma elevação nos índices de

leitura dessa faixa etária, fator explicado pela melhoria da escolaridade da população em geral. Os jovens de 18 a 24 anos também apresentaram alto índice de leitura, que pode ser atribuído ao aumento de matrículas no nível superior, - de 2,7 milhões em 2000, passou a 4,9 milhões em 2007 (FAILLA, 2008). Segundo a pesquisa, os mais jovens leem mais, o que confirma o fato de que quem lê mais está na escola, pois houve enorme impacto dos livros indicados pela escola para a elevação desse indicador (FAILLA, 2008).

Os gêneros mais lidos pelos leitores de 18 a 24 anos, grupo de nosso interesse, foram romances (47%), livros didáticos (37%), a bíblia (36%), poesia (29%), história, política e ciências sociais (27%), livros religiosos (22%) e histórias em quadrinhos e contos (21%), dentre outros. Em relação à motivação, essa faixa etária aponta o conhecimento como principal (60%), aliada ao prazer, gosto ou necessidade (59%), além de ser uma exigência escolar/acadêmica (36%), ou do trabalho (15%) e atualização profissional (40%) (AMORIM, 2008).

Para os jovens, a leitura é fonte de conhecimento e informação para a vida escolar e pessoal, como forma de se inserir no mercado de trabalho e adquirir outros saberes e exigências cotidianas.

Pensando nesses novos leitores e nos rumos que a leitura tem tomado diante das novas tecnologias de informação e comunicação, realizamos uma pesquisa sobre o hábito de leitura de jovens universitários, em Bauru, interior de São Paulo.

METODOLOGIA

A pesquisa descritiva apresenta duplo caráter: qualitativo, fundamentado na literatura sobre leitura, e quantitativo, com coleta de dados que teve o objetivo de levantar as características referentes aos hábitos de leitura de jovens, o que leem e com que frequência, com vistas a sua interpretação: “Assim, a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RUDIO, 2004). O universo da pesquisa foi composto por 2100 alunos de 18 a 30 anos, universitários de uma Instituição de Ensino Superior Privado (IESP) da cidade de Bauru/SP. A amostra pesquisada correspondeu a 10% do universo, foi do tipo probabilística e aleatória simples, na qual os indivíduos participantes foram escolhidos ao acaso, e todos os elementos do universo tiveram igual oportunidade de participar da amostra. Aplicamos um questionário com 07 questões fechadas e de múltipla escolha, tendo sido feito um pré-teste do material antes de sua aplicação efetiva na última

semana letiva do mês de abril de 2010. O tratamento dos dados envolveu a elaboração de gráficos e a ordenação do material coletado em categorias que apresentassem unidade conceitual. Interpretamos o resultado à luz do referencial teórico sobre leitura impressa e eletrônica, sem perder a interação com os dados coletados (MOURA; FERREIRA, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Localizada na região central do Estado de São Paulo, Bauru, aos 114 anos, tem uma população de aproximadamente 366 mil habitantes, com alto grau de urbanização (98%), e a maior parte da população empregada no setor de serviços (46,33%). A taxa de analfabetismo gira em torno de 5% e o total de jovens entre 18 e 24 anos com Ensino Médio completo é de 47,79% (SEADE, 2010). A cidade possui importantes instituições de ensino superior como o Campus da Universidade de São Paulo (USP), referência mundial em Odontologia, sendo a 1ª do país na área. Conta também com a Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituição Toledo de Ensino (ITE), a Universidade Paulista (Unip), as Faculdades Integradas de Bauru (FIB), a Universidade Sagrado Coração (USC), o Instituto de Ensino Superior de Bauru (Iesb) e as Faculdades Anhanguera. Nesse cenário voltado ao ensino é que surgiu há doze anos as Faculdades Integradas de Bauru (FIB), uma Instituição de Ensino Superior Privado (IESP) que mantém 14 cursos de graduação e 17 de pós-graduação, com 2100 alunos matriculados. A instituição foi escolhida como foco da pesquisa por possuir cursos das mais diversas áreas do conhecimento, abrangendo as Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas, em bacharelados, licenciaturas e cursos tecnológicos. Essa característica possibilita obter uma amostra heterogênea quanto ao perfil do leitor jovem e seus hábitos de leitura, objetivo da pesquisa.

Com relação à identificação dos 210 alunos pesquisados na FIB, 63,33% possuem de 18 a 20 anos e 36,67% estão na faixa de 21 a 30 anos; 55% são do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Perguntados sobre o que foi lido no último mês, observamos que 32,4% leram textos internet; 10,9% optaram por jornal; 10,5% escolheram revista; 9% escolheram livros digitais; 8,6% SMS (textos de telefone); 8,1% leram livros indicados pela faculdade; 7,6% optaram por textos de trabalho; 7% livros; 4% leram histórias em quadrinhos; 1,4% escutaram audiolivro e 0,5% não lê.

Também questionamos a frequência de leitura na internet: 71,4% leem todos os dias; 22% de duas a três vezes por semana e 6,6% uma vez por semana ou menos. Em

relação ao que mais gostam de ler: 23,3% gostam de notícias; 9,5% história em quadrinhos; 9% literatura; 8,6% autoajuda; 7,6% história, política e ciências sociais; 7,1% bíblia e textos religiosos; 6,7% poesia; 5,2% livros didáticos; 4,3% biografia; 3,3% esotéricos; 3,1% livros técnicos; 2,7% assuntos práticos e artesanato; 2,4% contos; 2,4% artes; 2,4% outros.

Sobre o suporte preferido para leitura observamos que 39,5% escolheram a internet; 24,3% livro; 16,7% revista; 10,9% jornal; 6,7% gibis; 1,9% celular; ninguém citou audiolivro. Por fim, perguntamos qual o local em que habitualmente realizam suas leituras: 50% em casa; 11,4% no trabalho; 9,6% em consultórios, salão de beleza, barbearia; 7,1% em meios de transporte; 6,2% na sala de aula e bibliotecas; 3,3% em parques ou praças; 2,8% na casa de amigos ou parentes; 1,9% em cyber café ou lan house; 1,5% escolheram clube.

De acordo com os resultados obtidos, traçamos um perfil da amostra dos alunos da FIB: a maioria é do sexo feminino, possui entre 18 e 20 anos, tem lido no último mês textos na internet, acessa a rede todos os dias, gosta de ler notícias, seu suporte preferido para a leitura é a internet e costuma ler em casa. Nesse sentido, observamos uma tendência por esse público na escolha de plataformas digitais em detrimento dos suportes tradicionais.

Tendo em vista que os resultados apontaram uma predisposição dos alunos em preferirem o “suporte on-line”, podemos interpretar a pesquisa por várias perspectivas. De acordo com Santaella (2007) que afirma a existência de três características de usuários no universo virtual: o novato, o leigo e o experto, podemos observar que o perfil encontrado demonstra uma tendência a usuários “leigos”, que são os que “aprendem a se virar”, conhecem alguns caminhos, eliminam alternativas errôneas, avançam por tentativa e erro e a usuários “expertos” que possuem total domínio dos aplicativos e ferramentas. São jovens estudantes universitários que, pela própria condição social e econômica, já estão familiarizados com a leitura e com os recursos da internet.

De qualquer forma é importante destacar que a plataforma impressa, em especial o livro, ocupa um lugar privilegiado para os pesquisados. Está em segundo lugar, após a internet, como suporte preferido, o que mostra que um não se exclui em detrimento do outro. Isso vai ao encontro de Fisher (2008) quando diz que a leitura acompanha as novas tecnologias. Um exemplo, inclusive demonstrado na pesquisa, é o fato de o livro

digital ter sido lido no último mês pelos alunos, logo após as mídias tradicionais, como jornal, revista e livro.

De modo geral, de acordo com os resultados analisados, verificamos que há um espaço muito propício para a consolidação do livro digital, pois o público jovem tem um alto envolvimento com textos na internet, acessa a rede todos os dias e ainda lê livros. A grande questão é fazer dessas constatações uma grande oportunidade.

Uma das vantagens do livro digital, ou e-book, é a portabilidade, pois podem ser facilmente transportados em suas plataformas. Outra vantagem é o preço. Com seu baixo custo de produção, pode chegar às mãos do leitor por um preço até 80% menor que um livro impresso. Além do mais, o e-book poderá conquistar ainda mais um público que se diz pouco leitor de livros impressos, os jovens. Muitas editoras já disponibilizaram grande parte de seus clássicos em e-books, porém, o número está aquém da realidade do mercado editorial.

Fischer (2006) afirma que todas as transformações nos hábitos e percepções da leitura são positivas, já que a mesma tornou-se eclética, com variedades encontradas em todas as plataformas “on-line” e “off-line”. De modo que, hoje, os “novos leitores” fazem do seu celular uma mídia com inúmeras possibilidades, através das mensagens de SMS. Na pesquisa elas ocupam 8,6% da preferência dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que realizamos, em vista do caráter descritivo e de amostra limitada, voltada a público específico, não pode servir de parâmetro ou ser generalizada como um estudo abrangente do hábito de leitura de jovens. Contudo, podemos considerá-la um indício do que é possível esperar de jovens universitários sobre o futuro dos hábitos de leitura. São jovens que apresentam uma alta frequência de leitura, leem todos os dias, os mais diversos suportes, o que relaciona nossos dados com a Pesquisa Retratos da Leitura, que aponta as crianças e jovens como aqueles que leem mais.

Em vista dos resultados obtidos, podemos afirmar que o hábito de leitura dessa amostra de jovens pode ser descrito como eclético. Nesse sentido, apontamos que esse público não ignora completamente as mídias tradicionais, conforme teme Chartier (2002). Porém, os leitores que sentem perder tempo com a leitura de livros adultos aumentam como prevê Canclini (2008), pois a maioria dos respondentes prefere ler gêneros como notícias e histórias em quadrinhos.

O hábito de leitura da amostra envolve leitura rápida, funcional, principalmente de textos da internet, mas também o jornal e a revista. No entanto, ainda há espaço para o livro, que aparece em segundo lugar como suporte preferido para a leitura.

O destaque se dá pela inclusão do livro digital e dos textos de telefone como parte do hábito de leitura. Acreditamos também que essa escolha dos jovens por plataformas digitais é fruto da Era da Informação, em que as imagens, textos e sons podem ser reduzidos à linguagem do computador tornando o processo de leitura mais dinâmico, interativo e coletivo. Essa constatação vai ao encontro do pensamento de Oliveira (2008) quando afirma que no hipertexto ocorre múltipla autoria entre o autor e leitor, o texto é ferramenta interativa e são vários, embutidos uns dentro dos outros, com corpo não sequencial, descontínuo.

Em relação ao futuro da leitura é importante destacar o índice extremamente baixo daqueles que dizem não ler, 0,5%, pois a leitura é um caminho para a produção de conhecimento, para a inclusão social e cultural do jovem leitor no mundo atual.

Encontramos na pesquisa aquilo que aponta Fischer (2006), o fato de que as transformações nos hábitos e percepções da leitura têm tornado a mesma uma prática eclética, variada, com hábitos cotidianos em que interagem leituras em plataformas “on-line” e “off-line”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J.P. (Org.). *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*. 1 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007, v. 1, p. 33-45.
- AMORIM, G. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.
- BUSH, V. *As we may think*. Atlantic Monthly, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>
Acesso em: 28 fev. 2004.
- CANCLINI, N.. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CHARTIER, R.. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FAILLA, Z. Os jovens, leitura e inclusão. In: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. p. 95-107.
- FISCHER, S.R.. *História da leitura*. São Paulo: Unesp, 2006. 384p.

MCLUHAN, M.. *A galáxia de Gutenberg. A formação do homem tipográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOURA, M.L.S.; FERREIRA, M.C. *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

OLIVEIRA, S.. Hipertexto e aspectos afetivos. In: TOMITCH, Lêda Maria Braga (Org.). *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

RUDIO, F.V.. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 32.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTAELLA, L.. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SEADE. *Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados*. Perfil municipal. Bauru. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php> Acesso em: 12 de maio de 2010.

NOTAS

¹ Mídia ou media é um termo latino bastante divulgado a partir da obra de Marshall McLuhan e que é utilizado neste trabalho com o sentido de suporte técnico utilizado para a percepção da realidade, para transmitir mensagens e informações à distância, tais como o livro, a imprensa escrita, o telefone e a internet.

² Afirmou Vannevar Bush (1945): “Consideraremos um dispositivo futuro de uso individual que é uma espécie de arquivo e biblioteca privados mecanizados. Já que é importante um nome, o chamarei de *MEMEX*. Um *MEMEX* é um dispositivo que permitirá a uma pessoa armazenar todos os seus livros, arquivos, e comunicações, e que é mecanizado de tal forma que poderá ser consultado com grande velocidade e flexibilidade. Na verdade, seria um suplemento ampliado e íntimo de sua memória [...] No *MEMEX* terá a sua disposição dezenas de livros e artigos que poderiam ser úteis para a sua pesquisa [...] criando atalhos com vários itens” (tradução nossa).

³ Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>